

# VIBRA

A REVISTA DO VITAL BRAZIL  
ano 6 / nº 16 / 2º trimestre letivo de 2022



**De pé:** Manuela Barni, Pietra Cezar, Guilherme Kawase, Francisco Luís Moraes, Arthur Cacavelli e Heloisa Jaoude. **Sentados:** Bianca Campos, Letícia Hidani, Andres Mendez e Matheus Silva.  
**Todos alunos da 1ª série do Ensino Médio.**

# 10 anos de orgulho

**Suely Nercessian Corradini**, diretora pedagógica do Vital Brazil, faz um balanço da primeira década do Colégio.

**O Vital nasceu com a promessa de um ensino de qualidade, que desse ao aluno condição de acesso às melhores faculdades. Essa promessa foi cumprida?**

Cumprida e superada! Para citar um indicador, desde nossa primeira turma de concluintes, estamos entre as dez melhores no Enem. Mas, para nós, o *slogan* “força do ensino” nunca significou um foco em resultados quantitativos, como Enem ou vestibulares. Isso chama a atenção, claro, mas é fruto de um percurso inteiro bem estruturado de desenvolvimento do aluno, com cuidado para cada etapa escolar. Ensinar uma criança a ler, a interpretar, a estabelecer relações e fazer inferências; ensinar a ela o valor do coletivo e da convivência ética; tudo isso é tão forte quanto vê-la aprovada numa boa faculdade.

**Acredita que as famílias compartilham dessa visão?**

Desde o primeiro dia. Lembro-me de vir ao Vital ainda em obras, todo sábado, de setembro a dezembro de 2011, com o Sr. Gisvaldo de Godoi [mantenedor], para apresentar nossa proposta a pais interessados. Tudo que tínhamos era uma maquete e um projeto, e sensibilizamos as famílias de 627 alunos, porque tínhamos estudos em que nos basear e, sobretudo, clareza de propó-

sito. Eu diria que não só as famílias sempre estiveram alinhadas conosco, como, na verdade, elas nos ajudaram a ampliar aquela visão original.

**O que se espera de uma escola hoje é diferente do que se esperava dez anos atrás**

De certa forma, em 2012, as famílias eram um pouco mais focadas na formação acadêmica dos filhos. Hoje, esse foco se mantém, mas creio que se ampliou o olhar para outros campos do desenvolvimento. A pandemia deixou claro como o contexto escolar é fundamental para a formação do aluno, tanto cognitivamente como socialmente e emocionalmente. Hoje, habilidades como criatividade, curiosidade, pensamento crítico, trabalho em grupo e resiliência são mais importantes do que nunca.

**Qual a reputação do Vital hoje?**

A de uma escola com uma equipe altamente qualificada e um projeto pedagógico arrojado e atualizado, na qual se respira respeito pelo conhecimento. De novo, lembro-me do Sr. Godoi deixando claro para os primeiros pais que esta seria uma escola que valoriza o estudo, por reconhecer a importância da educação e entender o conhecimento como meio de realizar sonhos. Essa reputação só se consolidou.

## CRESCIMENTO PELO CONHECIMENTO

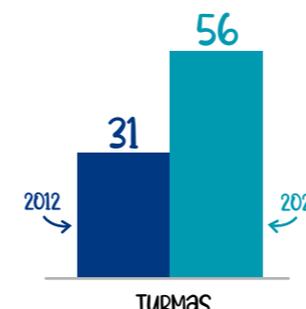
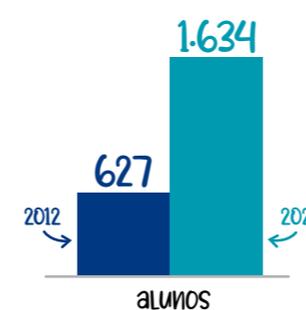
556  
ALUNOS  
FORMADOS

313  
CERTIFICAÇÕES  
de INGLÊS

148  
CERTIFICAÇÕES  
de ESPANHOL



Inauguração do Vital Brazil, dezembro de 2011.



**Quais os maiores motivos de orgulho?**

Termos uma equipe muito afinada, que comunga dos mesmos valores e mantém o entusiasmo para sempre se atualizar e se adaptar às mudanças – haja vista o que fizeram na pandemia. Também me orgulho de como nosso crescimento físico foi sempre em consequência das demandas pedagógicas, do que é melhor para os alunos. Foi assim na construção do prédio administrativo, em 2018, ficando o original exclusivo para o aprendizado; foi assim na criação da Fazedoria e da sala-ambiente de Xadrez e Música; e vai ser assim até nos projetos de ESG que estamos desenvolvendo, que terão uma interface pedagógica para os alunos aprenderem conceitos de sustentabilidade. Aliás, alegra-me ver que buscamos sempre proporcionar aos alunos uma formação de qualidade não apenas acadêmica como também humana. Constatar como eles são íntegros, respeitadores, conscientes; esse é meu maior orgulho.

4  
DICAS  
Como investir,  
por Luiza Arantes Gonçalves

5  
EDUCAÇÃO INFANTIL  
A importância da  
Educação Psicomotora

8  
ENSINO FUNDAMENTAL I  
Por um consumo  
consciente das mídias

10  
ENSINO FUNDAMENTAL II  
Representantes de turma  
e o valor da política

12  
ENSINO MÉDIO  
Alunos avaliam  
o novo Ensino Médio

15  
TRILHAS  
Aprender e viver  
a sustentabilidade

18  
INGLÊS  
O papel da música  
nas aulas de Inglês

20  
ARGUMENTO  
Artigo da aluna  
Ana Luisa T. F. de Almeida



# Como começar a investir?



Por **Luiza Arantes Gonçalves**, aluna da 3ª série C do Ensino Médio, dona do perfil **Lu Investeen**, no Instagram e YouTube.

[instagram.com/lu\\_investeen](https://www.instagram.com/lu_investeen)

[youtu.be/5P1DlqgFYRk](https://www.youtube.com/watch?v=5P1DlqgFYRk)

## 1 POR QUE INVESTIR?

Existem vários motivos, um é a inflação. Ela é como um fantasma, que vai tomando seu dinheiro sem que você se dê conta. De repente, aquela nota de R\$ 100 não compra as mesmas coisas do mês passado. Investir protege seu dinheiro, que fica lá rendendo todos os dias, multiplicando-se aos poucos.

## 2 PROCURE QUEM ENTENDE DO ASSUNTO.

Bancos tradicionais não são voltados para investimentos, além de cobrarem taxas de manutenção. Já corretoras fazem um trabalho especializado, e muitas permitem a você abrir uma conta sem a obrigatoriedade de investir.

## 3 MAS COMO SABER SE A CORRETORA É SEGURA?

Ela precisa estar cadastrada na Comissão de Valores Mobiliários (CVM), órgão que fiscaliza o funcionamento do mercado financeiro. Acesse [sistemas.cvm.gov.br](http://sistemas.cvm.gov.br) e consulte.

## 6 FAÇA DO SEU INVESTIMENTO UM HÁBITO.

Investir deve ser um compromisso recorrente, como pagar a conta de luz. Todo mês você deve investir, por mínimo que seja. Criar o hábito traz disciplina. Quem já tem renda pode pensar em reservar 20% dela para investir mensalmente.

## 4 NÃO É PRECISO MUITO DINHEIRO PARA COMEÇAR...

Com R\$ 30, você já tem acesso a diversas opções de investimento melhores e tão seguras quanto a poupança. O Tesouro Selic é uma delas. Nesse caso, você empresta dinheiro ao governo, que vai lhe devolver com juros.

## 5 ...NEM MUITA IDADE.

Menores de 18 anos já podem abrir contas em corretoras, com autorização dos pais. Uma vez aberta a conta, a movimentação pode ser feita de forma independente por você mesmo, por meio de aplicativo.

## 7 BUSQUE INFORMAÇÕES. SEMPRE.

Quem quiser investir deve se manter informado em relação às opções mais rentáveis. Além de acompanhar meu perfil no Instagram, recomendo também o *site* do InfoMoney ([infomoney.com.br](http://infomoney.com.br)) e o perfil do InvestNews no YouTube ([youtube.com/c/InvestNewsBR](https://www.youtube.com/c/InvestNewsBR)).



# A intenção da brincadeira

Na Educação Psicomotora, alunos descobrem do que seus corpos e mentes são capazes, enquanto se divertem.



Os alunos do professor Carlos Rossi não se dão conta, mas estão sendo observados o tempo inteiro. Mesmo antes de a aula começar. Naquela manhã de calor, o que, para a turma do Pré I, será uma série de brincadeiras no pátio do Vitalzinho, para o professor será uma chance de avaliar como os alunos realizam desafios com bambolês, papéis e gizes de cera, mas também como descem as escadas do prédio para chegar até ali. Se põem os dois pés em cada degrau antes de pisar no próximo, ou se já sabem coordenar as passadas, alternadamente: direita, esquerda, direita, esquerda.

Ele vai observá-los da hora em que tirarem os tênis, no início da aula, ao momento em que jogarem fora seus papéis amassados, no fim das atividades. Por trás de tudo, haverá um propósito. Dos pés descalços da turma à complexidade dos desafios, das cores dos bambolês ao movimento de braço necessário para arremessar as bolinhas de papel, tudo será planejado pelo professor.

Esse olhar atento e intencional de Carlos, para o qual nada é apenas o que parece, vem de sua formação como especialista em Educação Psicomotora, em que baseia as aulas que dá às turmas do Maternal ao 1º ano do Vital. Seu objetivo é ajudar os alunos a perceber tudo que seus corpos e mentes são capazes de fazer, para que aprendam a fazê-lo conscientemente, quando precisarem. Algo que vai muito além das brincadeiras durante as aulas.

“A psicomotricidade parte do princípio de que qualquer movimento ou atitude nossa, no dia a dia, tem uma intenção”, diz Carlos, referindo-se, de fato, a quase tudo que uma pessoa faz normalmente: andar, correr, subir e descer escadas; manter-se de pé ou sentada; focar a atenção em algo e guardar informações; escrever num caderno. “Mesmo que se torne automatizado com o tempo, isso tudo é aprendido em algum momento. A Educação Psicomotora promove essa tomada de consciência da criança sobre suas ações”, explica o professor.

Para isso, uma importante estratégia de Carlos é propor aos alunos desafios gradativamente mais complexos ou que imponham “obstáculos” a seus movimentos.

Naquela aula do Pré I, por exemplo, a brincadeira começa com os alunos caminhando rápida ou len-

## 7 FATORES DO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR

**Tonicidade:** manter-se atento e alerta para contrair ou relaxar o corpo, no todo ou em partes, quando necessário.

**Equilíbrio:** manter-se em equilíbrio estático (parado) ou dinâmico (em movimento).

**Esquema corporal:** perceber o corpo e seus segmentos (cabeça, tronco, membros).

**Orientação espaço-temporal:** compreender e se organizar no espaço (aqui, ali; dentro, fora) e no tempo (antes, agora, depois).

**Lateralização:** ter consciência dos lados do corpo e de qual executa tarefas melhor (dominância lateral).

**Praxia global:** coordenar movimentos em tarefas que envolvem o corpo integralmente (andar, correr, subir escadas).

**Praxia fina:** para tarefas que envolvem maior controle visual e menor número de grupos musculares (escrever, amassar, rasgar).

tamente pelo pátio, no compasso das batucadas que Carlos dá em um pandeiro – por si só, um bom exercício de atenção e autocontrole. Mas logo bambolês coloridos pelo chão tornam o jogo mais interessante, cada cor trazendo uma instrução que os alunos devem memorizar. Quem pisar dentro dos amarelos tem de bater palmas; dos laranja, tocar com a mão no chão; dos vermelhos, ficar em um pé só e contar até três.

Mais adiante, o pandeiro vai dar o ritmo para a turma rabiscar folhas de papel, primeiro devagar, depois mais rápido. O que o corpo inteiro havia feito pelo pátio, agora só o braço terá de fazer no papel. “Vamos desenhar de olhos fechados? E, agora, vamos trocar de mãos?”, desafia o professor.

Ao propor tais dificuldades, a ideia é forçar os alunos a pensar no que estão fazendo, em como se sentem ao fazer e no que é melhor para cada um. “Quando eu pedi a uma aluna que amassasse o papel com a mão direita, ela disse que ‘não era boa com aquela mão’. Talvez ela seja canhota e estivesse descobrindo a sua dominância lateral”, explica o professor, citando um dos sete fatores compreendidos no desenvolvimento psicomotor: a lateralização (*n. box ao lado*).

“No fundo, o que fazemos é apresentar um repertório de vivências que a criança vai acumulando para poder selecionar, dentro da sua ‘caixinha’, as competências mais adequadas para cada tarefa”.

Trata-se, portanto, de competências as mais diversas, envolvidas em todas as áreas da vida da criança, inclusive no desempenho escolar, como no caso da aquisição da escrita. Afinal, por simples que pareça, escrever exige segurar o lápis entre polegar e indicador (como uma pinça), conduzi-lo em uma série de movimentos finos da esquerda para

a direita, dentro das pautas de um caderno, com força suficiente para riscar o papel, mas não a ponto de rasgá-lo – isso para ficar só no componente motor da tarefa.

### REFLEXOS DA PANDEMIA

Carlos, porém, não é o único a ficar atento aos reflexos do desenvolvimento psicomotor no dia a dia dos alunos. Além de dividir seus conhecimentos de especialista com as professoras regentes, Carlos e a equipe estão sempre trocando impressões sobre a evolução das turmas, bem como sobre possíveis sinais de atraso – especialmente depois dos anos de pandemia.

Professora do 1º ano, Juliana Rocha percebe como a redução de vivências diversificadas, durante o ensino remoto, pode ter afetado as crianças. “No início do ano, ainda vi alunos que ficavam de pé para escrever, ou que escreviam com a língua de fora”, diz ela, notando que especializar partes do corpo para certos movimentos – no caso, usar apenas mão e punho para a escrita – é o que se chama de praxia fina. “Vi alunos segurando o lápis com a palma, em vez de usar o movimento de pinça. Outros demonstravam um esquema corporal empobrecido, desenhando figuras humanas sem cabeça, tronco e membros bem definidos”. Nada, porém, que signifique problemas irreversíveis, garante a professora. “Nós respeitamos o ritmo de cada criança”.

O próprio Carlos, em suas aulas, dedica atenção individualizada àqueles que parecem ter mais dificuldade nos desafios. “Em alguns casos, pode ser timidez. É possível até que saibam o que fazer, mas não querem”, diz ele. “E tudo bem: a tríade da psicomotricidade é a criança ter controle sobre o que sabe (cognitivo), pode (motor) e quer fazer (afetivo). Nesses casos, eu tento outra abordagem”.

Por trás de tudo – dos pés descalços à complexidade dos desafios – há um propósito.

**Descalças, as crianças têm maior sensibilidade** da textura e do nivelamento do solo, para melhor regular seus movimentos.



**Quem consegue ficar parado em um pé só?** Desafios de equilíbrio que ressaltam os dois lados do corpo.



**Ao amassar papéis com a mão direita, depois com a esquerda,** alunos começam a perceber qual o seu lado dominante.



**O pandeiro dá o ritmo** de como se movem pelo pátio: exercício de atenção e autocontrole do corpo.



**Corpo e cérebro atuando juntos no jogo dos bambolês:** cada cor, uma instrução (bater palmas, girar, etc.).



**No arremesso da bolinha por cima da corda, um desafio:** coordenar corrida, salto e o movimento certo do braço.

Quer ver mais fotos da aula do Pré I A com o prof. Carlos?



# Aprendendo a ler o mundo

Projeto lança bases para que os alunos se tornem consumidores de informação críticos e responsáveis.

Quando foi a última vez que você questionou o uso de uma foto em uma matéria de revista? Ou o motivo pelo qual certos elementos da página se destacam mais que outros? Os alunos do 2º ano do Vital Brazil mal concluíram sua alfabetização, mas fazem isso sempre que a aula envolve a leitura da *Revista Qualé*, que traz notícias sobre o mundo, o meio ambiente, cultura, ciência e outros temas.

Apresentada aos alunos no 1º ano, a *Revista Qualé* é um dos primeiros contatos de muitos deles com textos jornalísticos. É também o início de aprendizados que evoluem ao longo dos anos, à medida que os alunos exploram fontes de informação mais densas e se fazem perguntas mais complexas, até chegar a reflexões como: “Por que dois veículos abordam o mesmo assunto de forma diferente?” Ou: “Isso é fato ou opinião?” Ou ainda: “Como saber em quem confiar?”

Trata-se de um projeto recém-reformulado, no Fundamental I, de Educação Midiática, um campo de letramento cada vez mais relevante, que promove habilidades como acessar e avaliar criticamente o ambiente informacional contemporâneo. Um ambiente que abarca desde veículos tradicionais, como revistas e jornais, até mídias digitais – incluindo redes sociais, nas quais todo mundo é consumidor e produtor de conteúdo, o que demanda um uso seguro, ético e responsável.

## O QUE É EDUCAÇÃO MIDIÁTICA?

Conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar, de maneira crítica, do ambiente informacional e midiático em todos os formatos, dos impressos aos digitais.

(Fonte: educamidia.org.br)

“A ideia é ampliar o repertório de leitura dos alunos para além do campo artístico-literário”, diz a assessora de Língua Portuguesa Ana Paula Piola, que ajudou na elaboração do projeto. Assim, além das obras de Literatura que o Vital promove como parte do currículo ou como leituras espontâneas, os alunos do 1º ao 5º ano seguirão por uma trilha de fontes jornalísticas e informativas que tem na *Revista Qualé*, com sua linguagem e *design* adequados para o público infantil, sua primeira parada.

O projeto inicia simples: professoras de 1º ano apresentam a revista aos alunos coletivamente – um exemplar por turma –, para que se familiarizem com o formato e comentem títulos e fotos, em exercícios de reflexão sobre o mundo e sobre como textos verbais e não verbais dialogam para construir mensagens. Já no 2º ano, cada aluno ganha seu próprio exemplar para explorações mais detalhadas, inclusive em casa, com suas famílias. “As aulas incluem a leitura de notícias curtas, e as professoras ressaltam o plano composicional das páginas, chamando a atenção para elementos como títulos, fotos, legendas, mapas e gráficos”, diz Ana Paula.

Uma aula do 2º ano B realizada em março ilustra essa abordagem. Sentados em roda, os alunos da professora Rute Anjos manuseavam a edição 42 da *Qualé*. Era o primeiro contato de todos com aquele número, e, em vez de se de-



Quer ver mais fotos da aula do 2º ano B com a profa. Rute?

## O QUE OS ALUNOS LEEM?

### Revista Qualé



revistaquale.com.br

16 págs., quinzenal, leitores de 7 a 11 anos.

#### Missão:

“Colaborar para que as crianças desenvolvam a curiosidade, o senso crítico e um olhar mais apurado sobre o mundo ao seu redor.”

### Jornal Joca



jornaljoca.com.br

12 págs., quinzenal, público infantojuvenil.

Segundo pesquisa divulgada no site, “mais de 80% dos leitores comentam as notícias com amigos e parentes” e demonstram interesses mais amplos: 26% deles se interessam por ciências, tecnologias e finanças, contra 2% dos não leitores.



Alunos do 2º ano folheiam a *Revista Qualé*, conhecendo os elementos que constroem a informação nos veículos jornalísticos.

ter em notícias específicas (isso ficaria para depois), Rute folheava com eles a edição inteira, provocando-os a ler as manchetes e a pensar sobre a própria natureza de um veículo jornalístico.

O que vem na capa?, perguntava a professora. “O assunto da revista!”, respondia um aluno. E o que mais? “Quando a revista foi ‘entregada’”, dizia outro, referindo-se à data da publicação. E por que se coloca a data? “Porque tem coisa que já passou!” E por que esse título está em letra maiúscula? “Para chamar a atenção!” E assim os questionamentos se seguiam – os primeiros de muitos que, no futuro, poderão alimentar o olhar crítico daqueles leitores sobre as mídias que consumirem.

### Leitores e cidadãos

Nos 3ºs e 4ºs anos, a *Qualé* dá lugar ao *Jornal Joca*, conhecido da maioria dos alunos e pais do Vital. Com cores menos vivas e maior densidade dos textos, a mudança não vem sem certo estranhamento para alguns. “No início, é desafiador, porque jornal impresso parece algo ‘mais adulto’. Mas eles logo se acostumam”, diz a professora Amanda Anéas.

A escolha de privilegiar a versão impressa do *Joca*, no 3º ano, antes de adotar apenas sua versão digital, no 4º ano, não é por acaso. “A experiência do papel é mais rica, ela induz a criança a folhear todas as páginas e a identificar o básico de cada notícia para decidir se quer ou não ler”, diz Ana Paula Piola. Ela nota que, no 3º ano, os alunos já sabem reconhecer o lide das notícias – o início do texto, que resume suas informações essenciais. Além disso, diz a assessora, nesse ponto a distinção entre ficção e não ficção – entre fábulas com animais

e notícias sobre animais, por exemplo – já está clara para todos, assim como, mais adiante, eles saberão distinguir entre textos objetivos (notícias e reportagens) e argumentativos (resenhas e artigos de opinião).

Já a transição para o *Joca* digital, no 4º ano, prenuncia a última etapa do projeto, quando, em vez de revistas e jornais específicos, os alunos passam a manejar a maior de todas as fontes de informação: a internet. “No 5º ano, eles já pesquisam, selecionam e consomem informações com mais critério, aprendendo a reconhecer sites confiáveis. E percebem que precisam ser, eles próprios, produtores responsáveis de conteúdo, ao criar ou repassar posts, vídeos e áudios”, diz Ana Paula.

Ao longo de todo o processo, os aprendizados promovidos pelo projeto são vários, a começar pela chance de relacionar revistas, jornais e sites com outros conteúdos escolares: do reconhecimento de diferentes tipos de letra (como bastão e de imprensa), pelos recém-alfabetizados, à aplicação das notícias lidas em aulas de Geografia, Matemática, Inglês, etc. “Essas leituras não são apenas úteis para projetos interdisciplinares; elas melhoram muito a capacidade argumentativa dos alunos, que passam a opinar com base em fatos que leram”, diz a professora Amanda.

Sobretudo, diz Ana Paula, o projeto visa garantir que os alunos se insiram no mundo como cidadãos conscientes e críticos. “Eles já estão expostos aos acontecimentos do mundo, não adianta fechar os olhos. É melhor que o acesso a esse conteúdo seja mediado pela escola de forma planejada, adequada às habilidades linguísticas e à capacidade de discernimento de cada idade”.



## Colégio eleitoral

Escolha de representantes de turma ressalta a importância da participação política e do diálogo.

Pelos próximos meses, enquanto o País se vir envolvido em intensas disputas políticas, é provável que os alunos do 6º ao 9º ano do Colégio Vital Brazil acompanhem os acontecimentos com um olhar mais interessado do que costumavam ter. Afinal, eles acabaram de viver sua própria corrida eleitoral, com direito a período de composição de chapas, eventos para apresentação de propostas, debates e votação em urna eletrônica. No início de maio, foram escolhidos os novos representantes de turma do Fundamental II.

Neste ano, o processo veio acompanhado de um projeto pedagógico que aproveitou para promover aprendizados oportunos sobre a importância da participação política e do diálogo. De caráter interdisciplinar, o projeto mobilizou, desde março, professores de História, Língua Portuguesa e Produção de Texto. Enquanto os primeiros contextualizaram para os alunos como surgiu o conceito de democracia representativa, professoras de português e redação ajudaram os candidatos a montar suas chapas e a comunicar suas plataformas, num exercício de argumentação, escuta e julgamento crítico que envolveu a todos.

“A intenção foi despertar a noção de cidadania e a consciência da responsabilidade de cada aluno”, diz a professora de Produção de Texto Rose Valle, referindo-se não apenas aos que se candidataram a representantes de turma mas também aos eleitores, que participaram do processo avaliando e questionando os concorrentes. “Foi uma vivência de tomada de posição política, para que entendam que política não se resume a brigas partidárias e saibam dar mais peso à discussão de ideias”.

Para isso, Rose e os demais professores dedicaram algumas aulas das últimas semanas para orientar alunos em suas campanhas. Em cada turma, chapas foram formadas – com as posições de representante, vice e suplente –, candidatos estudaram as atribuições do cargo e, talvez o mais importante, redigiram, apresentaram e debateram suas propostas com os colegas. Nesse ponto, diz a professora, o trabalho com o texto teve grande significado.

“Costumo fazer uma provocação nas minhas aulas: comunicação é o que eu falo ou o que você entende?”, diz Rose. Segundo ela, a escolha de palavras para convencer o interlocutor é fator crucial numa disputa de ideias e projetos, o que deveria ser regra em processos eleitorais. “Quero que eles tenham a consciência de que o texto é um operário que trabalha a nosso favor – mas requer cuidado e critério. Aquilo que está escrito está documentado, e você vira refém da sua palavra”.

Para a professora, num contexto político, saber distinguir argumentos bem construídos de discursos vazios é uma necessidade tanto para quem fala quanto para quem os recebe, que precisa tomar decisões conscientes e bem informadas. “Não é porque alguém é meu amigo que vai ser o melhor representante da minha turma”, diz Rose.

### Uma tradição de milênios

Até porque, de fato, não é simples a responsabilidade de um representante de turma, cuja principal função é servir de interlocutor entre a classe e o corpo docente (professores e coordenadores). É preciso participar de reuniões e eventos, comunicar dificuldades e demandas coletivas e buscar soluções imparciais para conflitos. Além disso, o representante tem de ser para os colegas uma espécie de referência: de informação (sobre lições de casa ou datas de prova, por exemplo), de discernimento e de conduta pessoal.

Do ponto de vista histórico, aliás, o peso do cargo pode ser percebido como ainda maior. “De certa forma, uma ‘sim-

ples’ eleição de representante de turma é a continuação de uma tradição que começa há mais de 2 mil anos, na Grécia”, diz o professor de História André Sekkel. Ele se refere à construção do conceito de democracia representativa, inaugurado em Atenas por volta de 510 a.C. e alargado, ao longo de séculos e à custa de muito suor, para abarcar novas classes e categorias sociais, até chegar à ideia moderna de que todo ser humano é igual e tem os mesmos direitos.

“Mesmo após a Revolução Francesa, que deu origem ao sufrágio ‘universal’, o voto era restrito a todos os homens, o que motivou os movimentos pelo direito ao voto das mulheres”, diz o professor, enfatizando a importância da participação e da representatividade na política.

Segundo André, conhecer esse histórico de lutas e conquistas e vivenciar, na prática, uma disputa eleitoral democrática pode ter levado os alunos – que já nasceram em uma democracia – a renovar seu apreço pelo modelo. Pode também tê-los ajudado a desenvolver um olhar mais crítico para um tipo de discurso em voga, atualmente, que nega a política em si.

“Uma postura cada vez mais comum entre candidatos é a ‘lacrção’, que privilegia afirmações sem embasamento, geralmente em tom irônico ou agressivo, para tentar encerrar o diálogo. Quando o valor da política é justamente o diálogo!”

“O projeto ressaltou a necessidade de ouvir a fala do outro e discordar de maneira gentil e respeitosa”, concorda a coordenadora do Fundamental II, Cátia Alves. “Mas destaco, ainda, como ele serviu para resgatar a noção de coletividade. Uma das funções da escola é formar o indivíduo, desenvolvendo suas habilidades pessoais e ajudando-o no seu projeto de vida. Mas também é fazer o aluno pensar e atuar no coletivo. Só ações coletivamente organizadas, pautadas em princípios e argumentos sólidos, podem fazer evoluir as estruturas da sociedade”.

Segundo André, conhecer o histórico de lutas e conquistas e vivenciar, na prática, uma disputa eleitoral democrática pode ter levado os alunos – que já nasceram em uma democracia – a renovar seu apreço pelo modelo.

Urna eletrônica construída na Fazedoria do Vital, para eleição de representantes de turma.



Quer conhecer alguns dos representantes de turma eleitos no Fund. II do Vital?

# A primeira geração

Alunos da 1ª série compartilham impressões sobre o novo modelo do Ensino Médio.

Eles são os pioneiros. No primeiro ano de implementação do novo Ensino Médio no Vital Brazil, os alunos da 1ª série estão descobrindo as vantagens do modelo, as diferenças de abordagem em relação às disciplinas regulares e a motivação extra de aprender, fruto de poderem escolher o próprio itinerário formativo, de experimentarem possibilidades e, quem sabe, vislumbrarem, com mais clareza, um futuro em que se sentirão realizados. Nas próximas páginas, alunos compartilham suas primeiras impressões sobre focos específicos e disciplinas eletivas oferecidas neste semestre.



“ O que eu mais gosto é que eles se aprofundam muito nos temas. Por exemplo, eu escolhi a eletiva Ecologia, que fala principalmente do meio ambiente, de como ele é afetado pelo homem. Mas a aula não fica só no ‘plástico é ruim’, que é algo muito bobo, muito plano, que todo mundo sabe; plástico é uma das coisas que menos fazem bem. E a aula mostra o que realmente acontece de uma forma verdadeira, não superficial.

Além disso, poderia parecer muito cansativo sempre ter quatro aulas depois do almoço, mas esse novo modelo dá uma amenizada.

Não por ser mais fácil, mas porque

**FOI ALGO QUE EU ESCOLHI. ALGO QUE EU QUERO FAZER. ENTÃO ACABO GOSTANDO MAIS. ”**

Andres Diaz Mendez, 1ª série C, escolheu o foco específico *Ciência e Vida* e a eletiva *Ecologia*.

“ Sou apaixonada por Biologia, meu sonho é prestar Medicina na USP. Mas também gosto muito de ler sobre questões sociais e políticas. Escolhi o foco Ética e Sociedade porque,

**COMO A GENTE PODE FAZER DOIS CURSOS POR ANO. EU QUIS TESTAR PARA VER SE É ALGO DE QUE GOSTO TANTO QUANTO BIOLOGIA.**

Quis testar agora para, no futuro, não me arrepender. Além disso, tem uma coisa: depois de passar por nove aulas obrigatórias da grade curricular, no foco específico a gente vai para outra sala – literalmente, muda de sala – e troca não só o ambiente como as pessoas ao redor. É divertido, encontro amigos de outras turmas, conheço pessoas que não conhecia, que agregam à minha opinião, assim como eu posso fazer por elas. ”

Heloísa Paz A. Jaoude, 1ª série B, escolheu o foco específico *Ética e Sociedade* e a eletiva *O Jornal no Contexto Contemporâneo*.



“ Estou gostando do curso de Linguagens Contemporâneas porque **a gente pode desenvolver a criatividade, por meio das atividades proporcionadas, e conversar sobre assuntos históricos pelos quais tenho muito interesse, como museus.**

Já a eletiva eu escolhi por gostar de ler e para melhorar o meu inglês. Estamos lendo livros muito legais e clássicos, como os da Agatha Christie. ”

Bianca Fera S. Campos, 1ª série D, escolheu o foco específico *Ciências Humanas e Linguagens Contemporâneas* e a eletiva *Book Club*.



“ O foco Ética e Sociedade tem uma grande parte de Filosofia, mistura com História e bastante Sociologia, e eu já sabia que iria gostar. A gente elaborou vários conceitos – poder, justiça, igualdade, ética, moral, norma –, e depois teve um grande debate unindo tudo. Não era cada grupo apresentando um trabalho e indo logo para o próximo; **a professora fazia perguntas, falava mais coisas, virou um grande debate sobre a sociedade. Achei uma estrutura muito interessante de como abordar todos esses conceitos juntos. ”**

Francisco Luís A. Moraes, 1ª série D, escolheu o foco específico *Ética e Sociedade* e a eletiva *O Milagre do Sabão*.



“ Escolhi esse itinerário pela presença de três matérias pelas quais eu tenho muito interesse, que são Física, Química e Matemática, e pela grande quantidade de conteúdo que vou ter no semestre, que me proporcionará um grande repertório para outras matérias, como Geografia, História e Redação. As aulas apresentam

**grande interação entre os alunos e o professor, que nos dá um material que poderemos usar durante nossa vida e que não aprenderíamos nas aulas normais. ”**

Guilherme Ribeiro Kawase, 1ª série B, escolheu o foco específico *Tecnologia e Meio Ambiente* e a eletiva *Introdução à Astronáutica*.



“ Você não está ali como em qualquer outra matéria. **Você está ali porque quer aprender. E, o que você aprende, você utiliza na prática.**

Por exemplo, eu escolhi a eletiva *O Milagre do Sabão*, que conta a história da Medicina. Nas últimas quatro aulas, a gente foi para o laboratório e fez sabão! No foco específico *Ciência e Vida*, a gente construiu uma espécie de microscópio, com umas lentes, porque estávamos estudando a história do primeiro microscópio. Era super-rudimentar, difícil de usar, e a gente usou. É muito legal isso. ”

Arthur Cacavelli, 1ª série D, escolheu o foco específico *Ciência e Vida* e a eletiva *O Milagre do Sabão*.



“Quero cursar Direito e achei que seria interessante testar estas duas áreas. A eletiva do Jornal, porque tenho afinidade com redação e acho que vai me dar repertório sobre um tipo de texto muito interessante para os dias de hoje. Os jovens da nossa idade têm tendência a achar que jornal é algo chato, sabe? A gente está acostumada a ver ‘notícias’, entre aspas, no TikTok, no YouTube, mas é importante entender o funcionamento e ter contato com jornais, não só para ler mas para não ficar alienada. E o curso de Ética e Sociedade

**ESTÁ SENDO MUITO ÚTIL, PORQUE A GENTE RELACIONA AS MATÉRIAS DE HUMANAS COM O CONTEXTO ATUAL.**

Tem muito a ver com questões de leis, de instituições sociais, e realmente forma uma base para a gente. ”

Letícia Yumi Hidani, 1ª série D, escolheu o foco específico *Ética e Sociedade* e a eletiva *Jornal no Contexto Contemporâneo*.



“Estou gostando bastante do foco específico.

**É BEM INTERATIVO. OS PROFESSORES SEMPRE TRAZEM CURIOSIDADES E NOVIDADES. É COMO SE FOSSE UM ‘GLOBO REPÓRTER’. SABE?**

Meu plano é fazer Direito, mas sempre gostei de Biologia, e, quando me apresentaram o Ciência e Vida, eu fiquei interessada nos temas que iriam abordar. Então escolhi para experimentar. Acho muito importante ter repertório. No mundo em que a gente vive, se a gente não tem o mínimo de conhecimento, não pode se comunicar com as outras pessoas. No próximo semestre, talvez eu vá para o Ética e Sociedade.

Ou para o Tecnologia e Meio Ambiente, que também é superimportante. ”

Manuela Belini Barni, 1ª série D, escolheu o foco específico *Ciência e Vida* e a eletiva *ONU Vital*.



“Tenho a ideia de fazer Publicidade e Propaganda, mas ainda não é algo claro em minha mente.

**ACHO QUE O FOCO E A ELETIVA ESTÃO SENDO UMA OPORTUNIDADE DE DAR UMA ESCLARECIDA NESSA MINHA IDEIA.**

Escolhi o Ética e Sociedade porque traz questões que normalmente discuto no dia a dia com meus amigos e meus pais: racismo, moradores de rua, todas essas questões que envolvem uma sociedade. E a eletiva foi por curiosidade.

Não sou muito familiarizado com Exatas, mas o fato de envolver políticas públicas me atraiu. E me surpreendeu, porque achei interessante. ”

Matheus Ferreira da Silva, 1ª série C, escolheu o foco específico *Ética e Sociedade* e a eletiva *Estatística Aplicada à Política Pública*.



“Sempre tive muita afinidade com Biologia, e minha família queria que eu fizesse Medicina.

Mas, depois que entrei no Vital, com o [professor] Paulo, com essa eletiva, com o foco específico Ciência e Vida, com o conjunto de tudo, descobri minha verdadeira paixão por Química. E agora tenho certeza de que quero fazer Farmácia Bioquímica. Além de tudo, nessas aulas a gente é tratada como igual,

**O PROFESSOR NÃO É DONO DO CONHECIMENTO. A GENTE APRENDE JUNTO. TESTA, TROCA IDEIA. É BEM MAIS PARTICIPATIVO.**

Estou amando essa oportunidade, foi uma das melhores coisas que já me aconteceram. ”

Pietra Cassoli R. Cezar, 1ª série C, escolheu o foco específico *Ciência e Vida* e a eletiva *O Milagre do Sabão*.



# Compromisso com o futuro

Projetos pedagógicos e administrativos promovem o valor da sustentabilidade entre alunos e comunidade.

No dia 11 de fevereiro, um pequeno grupo de gestores, professores, alunos e colaboradores das três escolas do grupo Godoi Educacional – Albert Sabin, AB Sabin e Vital Brazil – recebeu um convite especial. Eles haviam sido escolhidos para formar uma equipe que passaria a acompanhar todas as ações de responsabilidade socioambiental das escolas, reunindo-se regularmente para avaliar resultados e propor novas ideias pela promoção da sustentabilidade.

Batizada de Comissão ESG – sigla em inglês relativa a boas práticas ambientais (*Environmental*), sociais (*Social*) e de governança corporativa (*Governance*) –, a equipe fez sua primeira reunião uma semana após o convite. Desde então, já viu saírem do papel grandes projetos, como a instalação de placas fotovoltaicas e de sistemas de reúso de água de chuva no Sabin e no Vital, além da definição de uma nova empresa para cuidar da gestão de resíduos recicláveis das três escolas.

“Queremos ampliar e dar visibilidade às nossas iniciativas socioambientais, para prestar contas à nossa comunidade e mostrar aos alunos que o foco em sustentabilidade faz diferença real, tangível, no planeta”, diz Luciano Hilarião, diretor administrativo do Vital e um dos membros da comissão. Segundo ele, o novo órgão vai apresentar relatórios periódicos com números precisos sobre os impactos que as escolas provocam – ou deixam de provocar – na sociedade e no meio ambiente. “Vamos informar, por exemplo, exatamente quantas toneladas de papel reciclamos ao ano e quantas árvores evitamos, assim, de serem cortadas”, diz o diretor.

Dessa forma, mais que decisões administrativas, tais iniciativas poderão ter um importante caráter educativo, ajudando a tornar mais concretos, para os alunos, aprendizados sobre a responsabilidade de cada

um e o valor da sustentabilidade. Um valor que, no Vital Brazil, permeia projetos pedagógicos desde a Educação Infantil.

## Criando vínculos com a natureza

Para crianças pequenas, é claro, não adianta falar em “sustentabilidade”. Muito menos em “ESG”. Mas falar sobre “cuidar do nosso planeta” e mostrar como ações do dia a dia refletem esse cuidado pode surtir bons resultados, diz a coordenadora da Educação Infantil do Vital, Camila Petrolina. “Nossa equipe está sempre lembrando os alunos da importância de apagar a luz ao sair da sala, jogar o lixo no lugar certo, trazer garrafinha de casa para não usar copo plástico”, diz Camila. “E, como criança aprende pelo modelo, nós também fazemos todas essas coisas o tempo todo. Melhor ainda se as famílias em casa fizerem o mesmo”.

Nessa faixa etária, no entanto, nada transmite a ideia de “nosso planeta” de forma tão clara quanto o contato direto com a terra, as árvores e outros elementos da natureza, motivo pelo qual as atividades nos bosques do Vital são tão frequentes, principalmente para a turma do Integral.

“Todos os dias, se fizer sol, visitamos o bosque”, diz a professora Lucilene Amaral. Segundo ela, um dos projetos que vai mobilizar a turma ao longo do ano será transformar o bosque do Integral, que fica nos fundos do Colégio, a partir de sugestões dos próprios alunos. “Estamos pintando pedras; uma tubulação no chão virou uma pista para carrinhos; conseguimos pneus para usar como brinquedos, e um aluno deu a ideia de construir um balanço, que ele viu no [programa de TV] ‘Detetives do Prédio Azul’. Eles estão superempolgados”, diz a professora.



Turma do 5º ano visita o novo reservatório de captação e reúso de água da chuva do Vital Brazil; ao lado, placas fotovoltaicas para captação da energia solar. Projetos que ensinam e fazem a diferença real no planeta.



Segundo Camila, ações como essa, aliadas a projetos pedagógicos que envolvem pesquisas sobre bichos e espécies de árvores do local, promovem nos alunos a ideia de que “o bosque é deles”, para brincar, explorar – e cuidar. “É uma maneira de criar um vínculo afetivo. Só se cuida daquilo pelo que se tem apreço e respeito”, diz a coordenadora.

São os primeiros passos de uma conscientização que avança bastante nos anos seguintes. “Tudo que a criança aprende parte do próprio corpo e vai abarcando um entorno cada vez maior”, diz Vanessa Inagaki, coordenadora do Fundamental I. “O que começa com cuidados de higiene pessoal, por exemplo, se amplia para a limpeza da casa, da rua, do bairro...” Da mesma forma, se o bosque é um dos primeiros contatos dos alunos com a natureza, com o tempo eles se tornam capazes de entender conceitos mais largos, como biomas e ecossistemas. E, também, a gravidade dos desafios globais.

#### Conhecimento e engajamento

Prova disso são os trabalhos que os alunos do Fundamental I produzirão para a Mostra de Ciências e Cultura do Vital, em outubro. “Este ano, a Mostra será baseada nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)”, diz a assessora de Ciências Humanas Adriana Mesquita, referindo-se aos compromissos definidos pelas Nações Unidas para o planeta. Assim, as turmas do 2º ano apresentarão projetos sobre a Mudança Global do Clima; do 3º ano, sobre a proteção da Vida Terrestre, por meio da agricultura sustentável; do 4º ano, sobre a Vida na Água e a situação de rios paulistas e brasileiros; e do 5º ano, sobre fontes alternativas de Energia Limpa e Acessível.

“São temas interdisciplinares que se relacionam com os conteúdos de cada ano e ressaltam a ideia de interdependência entre nós e o meio ambiente”, diz a assessora.

Tal evolução da compreensão de sustentabilidade prossegue no Fundamental II. “O que primeiro eles entendiam como ações isoladas – preservar matas, economizar água – passa a ser visto com mais complexidade”, diz a coordenadora, Cátia Alves. Nessa fase, segundo ela, discussões sobre o tema já envolvem considerações econômicas sobre modelos agrícolas, automação industrial (que, por um lado, pode gerar menos resíduos, mas emprega menos pessoas) e aspectos legais e políticos da conservação ambiental, como o Código Florestal Brasileiro.

Para a professora de Ciências Daiane Marin, no Fundamental II, “os alunos consolidam uma visão abrangente dos impactos da ação humana no planeta”.

É também nessa fase que fica claro que a solução para tais impactos terá de vir do conhecimento científico e do engajamento ativo de todos. Conhecimento como o demonstrado pelos alunos do Ensino Médio na Mostra de Ciências, que, no ano passado, exploraram desde sistemas de cultivo hidropônico até bactérias digestoras de plástico, entre outras tecnologias. E engajamento, como o que a Comissão ESG quer estimular no Vital – a começar pela inclusão de alunos como membros, “com o mesmo direito a voz e voto nas reuniões”, diz Daiane, que também integra a equipe.

Ao todo, foram convidados três alunos do Vital (Julia Marla Bueno, Lucas Nogueira de Carvalho e Tammy Hatori Ribeiro) e três do Sabin para participar da Comissão ESG. “Queremos que eles tragam suas perspectivas e sugestões para o nosso grupo”, diz Luciano Hilarião.

Mas, além da representação direta desses alunos mais velhos, a ideia é sempre buscar alinhamentos entre as ações da comissão e o conteúdo escolar de todas as turmas. Algo que faz todo o sentido, diz Luciano: “Tanto a sustentabilidade como a educação implicam pensar nas próximas gerações e no mundo que deixaremos para elas. Isso está no nosso DNA”.



Alunos da Educação Infantil regam um canteiro feito de pneu reutilizado: o entendimento do valor da natureza começa pelo bosque.



Nos minhocários, aprendizados de Ciências e uma alternativa para o descarte de lixo orgânico.



## Comissão ESG: Vital, Sabin e AB Sabin em prol da sustentabilidade

### O que é ESG?

Sigla em inglês que se refere a boas práticas:

- **Ambientais** (*Environmental*)
- **Sociais** (*Social*)
- **Governança Corporativa** (*Governance*)



### QUEM FAZ PARTE DA COMISSÃO ESG DO GRUPO GODOI EDUCACIONAL?

- 1 mantenedora
- 2 diretores
- 5 colaboradores
- 4 professores
- 3 alunos Sabin
- 3 alunos Vital

### QUAIS PROJETOS JÁ FORAM IMPLEMENTADOS PELA COMISSÃO?

#### → ENERGIA SOLAR:

- **308 placas fotovoltaicas vão gerar 15% de toda a energia consumida no Sabin e no Vital.**

- **15.022 kWh/mês de energia limpa:**

Vital: 4.952 kWh/mês

Sabin: 10.070 kWh/mês



#### → REÚSO DE ÁGUA:

- **Sistemas de captação e reúso de água de chuva vão abastecer lavagem e rega de pátios e jardins.**

- Capacidade de reserva:

Vital: 20 mil litros

Sabin: 20 mil litros



#### → NOVA PARCEIRA DE RECICLAGEM:

- A cooperativa **YouGreen** vai gerir todo o lixo reciclável das três escolas (Sabin, AB Sabin, Vital).
- Empresa fornece relatórios precisos para quantificar a contribuição das escolas (Exs.: Quantas árvores poupadas? Quantos % do lixo aproveitado? Quanta água economizada? Quanto CO<sub>2</sub> não emitido?).
- Auxilia na geração de renda de 56 cooperados (refugiados, ex-presidiários, pessoas em vulnerabilidade social), fornecendo, ainda, programas de inclusão, como cursos de português e de comunicação não violenta.



# Afinados no idioma

Do Infantil ao Médio, músicas têm presença constante – e atendem a vários objetivos – nas aulas de Inglês.

YOU SAY "YES", I SAY "NO"  
 YOU SAY "STOP", AND I SAY "GO, GO, GO"  
 OH, NO!  
 YOU SAY "GOODBYE", AND I SAY "HELLO"  
 HELLO, HELLO!  
 I DON'T KNOW WHY YOU SAY "GOODBYE", I SAY "HELLO"  
 [...]
   
 I SAY "HIGH", YOU SAY "LOW"  
 YOU SAY "WHY?" AND I SAY "I DON'T KNOW"  
 OH, NO!

Esses são versos de *Hello, Goodbye*, escrita por Lennon e McCartney em 1967, que se tornaria sucesso instantâneo, como a maioria das canções dos Beatles. O que a dupla mais famosa de compositores do *rock* talvez nem desconfiasse é que, além de uma alegria descontraída, sua música pudesse ter outra utilidade para gerações de fãs ao longo dos 55 anos seguintes: o ensino do Inglês. Com genial simplicidade, *Hello, Goodbye* sintetiza algumas virtudes do uso de canções para o aprendizado de um idioma: melodia agradável, amparada por letra de estrutura direta, fácil de assimilar e reproduzir e que, no caso, ajuda a fixar expressões e palavras de sentido oposto.

No Colégio Vital Brazil, a música é uma ferramenta pedagógica que tem lugar cativo nas aulas de Inglês, cumprindo diversos objetivos, das turmas da Educação Infantil aos estágios mais avançados. Para os pequenos, ajuda a estabelecer rotinas, a fortalecer o vínculo afetivo com o idioma e a criar um universo lúdico de aprendizagem. Para os mais velhos, contribui para enriquecer o vocabulário e exercitar a pronúncia, servindo para ressaltar, inclusive, diferenças entre sotaques.

“Nos primeiros anos de contato do aluno com o inglês, as músicas ajudam a tornar a aula mais divertida”, diz Máira Malosso, coordenadora do Departamento de Inglês. “É gostoso entrar na sala, mudar o registro e ‘brincar’ de falar em outra língua”. Esse lado prazeroso é percebido na forma como as músicas pontuam a rotina das aulas – aspecto de grande relevância na Educação Infantil, cujos alunos ainda precisam ser constantemente lembrados da sequência de atividades regulares da vida escolar. Segundo Máira, toda aula de Inglês dos pequenos começa com alguma *Hello Song* (canção de saudação) e termina com alguma *Goodbye Song* (canção de despedida). Já na hora de se sentarem em roda no chão, as crianças entoam a *Make a Circle Song*.

As músicas funcionam, ainda, como veículo para ampliar e consolidar o vocabulário das crianças. A repetição de *How's the Weather Song*, por exemplo, é usada para fixar palavras relacionadas ao clima, como *sunny* (“ensolarado”), *rainy* (“chuvoso”) ou *cloudy* (“nublado”). Da mesma forma, as professoras do Vital já usavam o *hit Baby Shark* – muito antes da canção virar mania – para apresentar aos alunos termos relacionados à família: *mommy shark, daddy shark, grandpa shark*, etc.

## Musicalidade da língua

Para os mais velhos, as músicas também enriquecem o vocabulário e ilustram o uso de estruturas sintáticas. O que muda é a *playlist*: no lugar das canções infantis, entra o repertório adulto.

Com a sua turma do estágio Upper 1, por exemplo, a professora Mônica Chiquetto já recorreu à *Logical Song*, do Supertramp, banda inglesa que fez sucesso

## MOSTRE SEU TALENTO

Mais que recursos pedagógicos, no Inglês do Vital as músicas são também um estímulo para os alunos demonstrarem seus dotes artísticos por meio do projeto Show Your Talent, que existe desde 2014. É uma oportunidade para qualquer um que queira cantar (ou declamar poemas, contar piadas, apresentar cenas dramáticas, etc.) em inglês, passando por fase de pré-seleção (*auditions*) e apresentação dos finalistas na Mostra de Ciências e Cultura do Vital, em outubro. Para a coordenadora Máira Malosso, “o projeto oferece um contexto para o aluno exercitar o idioma fora da sala de aula e mostra que o Inglês não é só uma disciplina que se tem de aprender; pode ser uma fonte de prazer e um meio de expressar o que cada um tem de melhor”.

Quer ver as apresentações do projeto Show Your Talent do ano passado?



nos anos 1970 e 1980. A letra da canção traz diversas mostras de como os sufixos *able* e *ible* criam adjetivos quando aplicados a verbos e substantivos: *dependable, acceptable, presentable* (“confiável, aceitável, apresentável”); *sensible, responsible* (“sensato, responsável”).

Outra canção, bem mais recente, que Mônica já usou em aulas foi *When I Was Your Man*, de Bruno Mars, nesse caso para exercitar a construção “*should have*” com os alunos do estágio FCE4. Na letra, o cantor e compositor norte-americano lamenta o que “deveria ter” feito para manter o antigo amor: *I should have bought you flowers and held your hand. Should have gave you all my hours when I had the chance.* (“Eu deveria ter lhe comprado flores e segurado sua mão. Deveria ter lhe dado todas as minhas horas, quando tive chance.”)

Para além do vocabulário e sintaxe, porém, cantar se mostra um ótimo exercício para os ouvidos, e não apenas no sentido da afinação. No caso do inglês ou de qualquer outro idioma, canções ajudam o aluno a descobrir a musicalidade própria da língua, a diferenciar fonemas parecidos – como nos verbos *to feel* (“sentir”, vogal longa) e *to fill* (“encher”, vogal curta) – e até, dependendo do repertório, a reconhecer sotaques. Nesse ponto, diz Máira Malosso, é importante fazer a distinção entre sotaque e pronúncia. “Sotaque todo mundo tem, não existe certo ou errado. Mas existem pronúncias certas ou erradas. Se uma palavra tem *stress* (tonicidade) na última sílaba, você não pode colocar na primeira”, diz a coordenadora.

Carolina Honda, coordenadora assistente do departamento, deixa a questão ainda mais clara com um exemplo em português: “No Brasil, há quem fale ‘tia’ com sotaque paulista ou com sotaque de alguma outra região. Mas nin-



Mônica Chiquetto toca Coldplay para os alunos do estágio FCE4: cultura *pop* para aprender “*relative clauses*” (orações subordinadas adjetivas).

guém diz ‘tiá’, porque essa pronúncia não seria compreendida pelo ouvinte”.

Além de tudo isso, canções também têm muito a ensinar sobre a expressão cultural e as tradições de seus países. Tome-se o caso do *Valentine's Day*, comemorado em 14 de fevereiro, que no Brasil é comumente associado ao Dia dos Namorados. Na acepção original, porém, a data celebra o amor entre amigos, o sentimento fraternal. Para reforçar esse caráter, as professoras do Vital usaram, em suas aulas, nesse fevereiro, músicas que falavam de amizade e afeto, como *All You Need is Love*, dos Beatles, *Count on Me*, de Bruno Mars, e *Friends Will Be Friends*, do Queen. “Fizemos questão de trazer músicas que não falassem do amor romântico”, diz Carolina.



## ARGUMENTO

A partir desta edição, a VIBRA abre um espaço de participação de alunos, sempre com uma nova redação a respeito de temas relevantes para a sociedade. Aqui, a aluna Ana Luisa estreia a seção "Argumento", com um texto sobre os limites da liberdade de expressão nos meios digitais.

# Linha tênue

Por **Ana Luisa Tarrío Ferraz de Almeida**, 3ª série D do Ensino Médio.



Segundo a corrente filosófica utilitarista, uma ação é considerada ética quando, ao se analisar suas consequências, os impactos positivos são maiores do que os negativos. É sob essa ótica que se estabelece o debate a respeito da liberdade de expressão no ambiente virtual. De um lado, está o direito à opinião, sem censura, garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, de outro, todos os problemas que a disseminação de ódio causa, ao se tornar viral.

A priori, a censura à opinião de um indivíduo fere o Estado Democrático de Direito. Historicamente, a censura é a principal ferramenta de manutenção de governos opressores e ditatoriais. No entanto, a historiografia também comprova que a tolerância a discursos de ódio é fator que leva tais governos ao poder, como ocorreu com Hitler, na Alemanha, e Mussolini, na Itália.

Recentemente, algo relacionado se passou nos Estados Unidos da América. O ex-presidente americano Donald Trump, ao ser derrotado nas eleições, incitou, em suas contas pessoais no Twitter, levantes contra o presidente Joe Biden, ao alegar que a votação havia sido fraudada. Tais postagens levaram diversos apoiadores a invadir o Capitólio, edifício do Congresso Nacional, como forma de protesto. O ato é antidemocrático e resultou na exclusão das contas de Trump das redes sociais. Essa iniciativa partiu do próprio Twitter, e não de ordem judicial, o que é problemático, já que a determinação das

consequências de uma ação inconstitucional ficou por conta da iniciativa privada, e não do Estado, que deveria ser capaz de julgar a questão. De qualquer forma, as noções de ética, de discriminação e de disseminação de ódio são essenciais para o estabelecimento de limites do debate no meio digital, à medida que tais noções determinam o que se deve e o que não se deve aceitar e proibir.

Em segundo lugar, é papel do Estado organizar a sociedade. Como, no mundo contemporâneo, a sociedade se estende à internet, faz-se necessária a

**“É PAPEL DO ESTADO ORGANIZAR A SOCIEDADE. COMO A SOCIEDADE SE ESTENDE À INTERNET, FAZ-SE NECESSÁRIA A PRESENÇA DO ESTADO TAMBÉM NESSE AMBIENTE.”**

presença do Estado também nesse ambiente, em função de ordená-lo. Segundo o filósofo austro-britânico Karl Popper, o tema da liberdade de expressão gera um paradoxo, que estabelece que não deve haver tolerância para com a intolerância. Nesse sentido, não se pode aceitar, dentro de um regime democrático, a propagação de ideias que neguem a própria democracia. Assim, a internet não deve ser um espaço sem regulamentação, que aceita qualquer tipo de “opinião”.

Em suma, o “direito” integral de exposição da opinião no meio digital é maléfico, posto que ameaça a ordem social, bem como a democracia. Desse modo, o estudo da ética torna-se ferramenta crucial para a definição dos limites dessa liberdade. Por fim, é necessário que se construa a consciência coletiva de que a linha entre liberdade de expressão e ataque a outros direitos deve ser bem demarcada.



**PARA QUEM SONHA  
GRANDES FUTUROS,  
a força vem do  
conhecimento.**

Especial  
**VESTIBULAR  
2022**

**89%**  
APROVADOS



# PAIXÃO PELO CONHECIMENTO TRADUZIDA EM NÚMEROS

Porcentagens relativas ao total de concluintes em 2021.

## 89% APROVADOS

## 78% EM PÚBLICAS

# 50 APROVAÇÕES PELO SISU:

o ENEM abrindo portas  
em todo o Brasil,  
para quem vai atrás do seu sonho.

UNIVERSIDADES	APROVADOS
<b>Públicas + Particulares</b>	<b>74</b>
<b>Públicas</b>	<b>65</b>
<b>USP</b>	<b>22</b>
<b>Unesp</b>	<b>19</b>
<b>Unicamp</b>	<b>11</b>



**Amanda Cano de Oliveira**

Comércio Exterior (FURG)



**Ana Carolina Camilo Bazito**

Engenharia Civil (UENF)



**Ana Letícia Nery Fujino**

Administração (Unesp),  
Ciências Atuariais (Unifesp),  
Ciências Contábeis (Mackenzie)



**Ana Luiza Menegazzo Campos**

Medicina (Mandic),  
Nutrição (UFJF)



**André Cardoso Santos Sanson**

Mechanical Engineering (Drexel University, Illinois Wesleyan University, Loyola Marymount University, University of Kentucky, University of South Florida),  
Química (USP)



**André Jun Fujii**

Engenharia de Alimentos (Unicamp, USP),  
Engenharia Química (Unesp)



**Felipe Cabral Fragoso**

Interdisciplinar em Ciências Naturais e Exatas (UFABC)



**Felipe Mazzeo Barbosa**

Ciências da Computação (Mackenzie)



**Felipe Silberberg**

Engenharia de Computação (Inteli, UFBA),  
Estatística (UFSCar)



**Gabriel Fera de Souza Campos**

Engenharia de Materiais (USP-São Carlos),  
Estatística (Unesp, Unicamp, USP)



**Gabriel Leal Barone**

Farmácia (Unifesp),  
Medicina (Uninove, USCS)



**Giulia de Oliveira Costa**

Letras (UFMG)



**Anna Giulia Brandão Leal**

Farmácia (Unesp, Unicamp, USP)



**Arthur Tsukamoto Oliveira**

Ciências Atuariais (Unifesp)



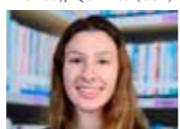
**Bárbara Cruz da Silva**

Artes Visuais (UFSCar, Unicamp)



**Beatriz Cavalcante Pimentel**

Medicina (Famema, Famerp, Unicamp, Unesp, Unifesp, USP)



**Bruna Bicalho de Souza**

Políticas Públicas (PUC-SP),  
Relações Públicas (Cáster Líbero, Unipampa)



**Caio de Freitas Sarro**

Arquitetura e Urbanismo (USP),  
Engenharia Civil (UFSCar)



**Guilherme Munford Cestari**

Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia (UFABC)



**Gustavo Cruz Garutti Araújo**

Farmácia (Unesp - 3º lugar)



**Gustavo Iokoi Rocco**

Ciência e Tecnologia (UFABC),  
Ciências da Computação (Mackenzie, PUC-SP),  
Defesa Cibernética (Fiap),  
Matemática (Unesp)



**Helena Beatriz da Silva**

Odontologia (UFU)



**Ian Pablo Flaminio Garcia**

Interdisciplinar em Ciências e Humanidades (UFABC)



**Igor de Oliveira Fernandes**

Eng. Ambiental (Unicamp),  
Eng. Civil (Belas Artes, PUC-SP),  
Eng. Química (Anhembí Morumbi, FEI),  
Matemática (UFSCar, Unesp),  
Química (Mackenzie)



**Camila Adrega Moraes**

Direito (FAAP, Mackenzie, PUC-SP)



**Camila Leonardi de Lima e Castro**

Ciências Biológicas (UTFPR)



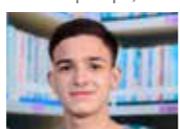
**Carlos Alexandre Magalhães Tromba**

Administração (Unifesp)



**Carolina Daehn de Andrade**

Engenharia de Biosistemas (USP),  
Engenharia Florestal (UFSCar)



**Diego Rodrigues dos Anjos**

Odontologia (Unisa),  
Química Industrial (Unifesp)



**Diogo do Amaral Nicastro**

Ciências de Dados e Inteligência Artificial (PUC-Campinas, PUC-SP)



**Isabela Carvalho Diniz**

Medicina (UFRJ)



**Isabela Munuera Ferreira Garzi Ortiz**

Jornalismo (Belas Artes, ESPM, Mackenzie, PUC-SP),  
Relações Públicas (Cáster Líbero)



**Isabela Scaramuzza Kondor**

Psicologia (Mackenzie)



**João Pedro Fernandes Bosco**

Estatística (Unicamp),  
Matemática Aplicada a Negócios (USP)



**João Pedro Leandro do Nascimento**

Arquitetura (UFMG),  
Arquitetura e Urbanismo (USP)



**João Pedro Ricciardi Godinho**

Física (USP)



**Eduardo Rodrigues Migliorini**

Ciências e Humanidades (UFABC)



**Elis Sofia Maragni Ortiz**

Educação Física e Saúde (USP),  
Teatro (Loyola Marymount University, University of Kentucky, University of South Florida)



**Enzo Adami Tucunduva**

Engenharia Naval (USP)



**Enzo Neves Ramassotti**

Educação Física (Unesp, Unifesp),  
Educação Física e Esporte (USP)



**Fábria Maria Ferreira de Almeida**

Enfermagem (Einstein, Famerp, Santa Casa, São Camilo, Unicamp, USP)



**Felipe Alencar Silva**

Ciência e Tecnologia (UFABC),  
Engenharia Mecânica (Unesp)



**Júlia Silva Cantoni**

Ciências Biológicas (Unifal-MG)



**Lara Souza de Mira**

Psicologia (UFMG)



**Larissa Figueiredo Silva**

Direito (Mackenzie),  
Pedagogia (UFSCar)



**Letícia Miranda Ligeri**

Direito (Mackenzie, PUC-SP)



**Lorena Amorim Corona**

Cinema (ESPM),  
Imagem e Som (UFSCar),  
Jornalismo (Belas Artes - 1º lugar, Unesp, USP)



**Luan Marques de Goes Nogueira**

Engenharia de Produção (Mackenzie, UFF, Unesp)



**Lucas Manetti ABS Caminha**

Ciência e Tecnologia (UFABC), Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia (Unesp)



**Lucas Vasconcelos Arslanian**

Administração (Mackenzie, PUC-SP, UFPE)



**Luciana Henrique de Araújo**

Ciências Econômicas (PUC-SP), Ciências e Humanidades (UFABC), Ciências Sociais (PUC-SP), Relações Internacionais (ESPM, Faap)



**Luiza Silva e Rego**

Sistemas de Informação (Unicamp, USP)



**Maria Eduarda Oliveira Andrade**

Direito (PUC-SP), Medicina (Unicid)



**Maria Fernanda dos Santos Loeser**

Letras (Unifesp), Relações Internacionais (Faap)



**Maria Júlia Martini Manzano**

Medicina (Mandic)



**Maria Victoria e Silva Borela**

História (Unifesp)



**Mariana Costa Carneiro**

Ciências Sociais (Unesp, Unifesp)



**Mikhail Futorny**

Ciências da Computação (Unesp, Unicamp, USP)



**Nathalia Danieli Beani de Freitas**

Medicina (PUC-Sorocaba, Unimes), Odontologia (PUC-Campinas)



**Nathan Tzu San Huang**

Ciência e Tecnologia (Unifesp)



**Nicholas Paulucci Calamita**

Ciência e Tecnologia (UFABC)



**Nicole Rodrigues Anantha Krishnan**

Psicologia (Mackenzie)



**Pablo Garcia Passos**

Engenharia Química (UERJ, UFRJ)



**Pedro Louro Fernandes**

Sistemas de Informação (USP)



**Rafael Russo Mingroni**

Ciência da Computação (UTFPR)



**Renata Tiye Dias Katuyama**

Jornalismo (UFMT)



**Ricardo de Ávila Mesquita**

Engenharia Mecânica (Unesp - 5º lugar, Unicamp), Física (USP)



**Rodrigo Sutto Tragante**

Direito (PUC-SP, Unesp, Unifesp - 5º lugar, USP)



**Samantha Rombach Mazzaro**

Farmácia (UFMG, Unesp, USP)



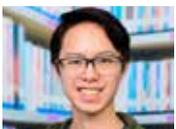
**Sofia Maria Guimarães Santos**

Rádio e TV (Cáster Libero), Rádio, TV e Internet (UFPE, Unesp)



**Sophia de Oliveira Tosar**

Análise e Desenvolvimento de Sistemas (Belas Artes), Engenharia de Software (Inteli)



**Thomas Tzu Liang Huang**

Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia (Unifesp)



**Victoria Mel Dussan Angulo**

Biomedicina (São Camilo, São Judas), Ciências Biológicas: Biotecnologia (UFRJ), Farmácia (FIMU, Mackenzie)



**Vinicius Hecht Nunes**

Direito (FGV, PUC-SP, USP)

## PARABÉNS, TURMA DE 2021!

Nossa história de 10 anos  
continua com vocês.

